13ª REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2284 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

O ENTRE-LUGAR EDUCAÇÃO INFANTIL-ENSINO FUNDAMENTAL: MOVIMENTOS CURRICULARES E COMPOSIÇÕES COTIDIANAS

Tamili Mardegan da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
Leticia Regina Silva Souza - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

O ENTRE-LUGAR EDUCAÇÃO INFANTIL-ENSINO FUNDAMENTAL: MOVIMENTOS CURRICULARES E COMPOSIÇÕES COTIDIANAS

Resumo: Trata-se de um estudo acerca dos currículos tecidos na composição educação infantil-ensino fundamental, que tem como um dos seus objetivos realçar os cotidianos escolares que explodem em produção curricular no encontro dessas etapas de ensino. Espaço-tempo de uma escola pública municipal de Guarapari/ES que, nos entremeios da educação molar e molecular, faz dessa travessia um terreno movediço, um *entre-lugar* de aberturas e incompletudes imanentes. É na tentativa de evidenciar as miudezas dos movimentos curriculares nos/dos/com os cotidianos escolares não representáveis que esta pesquisa se realiza.

Palavras-chave: Currículo; Cotidiano; *Entre-lugar*; Ensino Fundamental; Educação Infantil.

O ENTRE-LUGAR EDUCAÇÃO INFANTIL-ENSINO FUNDAMENTAL: MOVIMENTOS CURRICULARES E COMPOSIÇÕES COTIDIANAS

Resumo: Trata-se de um estudo acerca dos currículos tecidos na composição educação infantil-ensino fundamental, que tem como um dos seus objetivos realçar os cotidianos escolares que explodem em produção curricular no encontro dessas etapas de ensino. Espaço-tempo de uma escola pública municipal de Guarapari/ES que, nos entremeios da educação molar e molecular, faz dessa travessia um terreno movediço, um *entre-lugar* de aberturas e incompletudes imanentes. É na tentativa de evidenciar as miudezas dos movimentos curriculares nos/dos/com os cotidianos escolares não representáveis que esta pesquisa se realiza.

Palavras-chave: Currículo; Cotidiano; *Entre-lugar*; Ensino Fundamental; Educação Infantil.

1 UM POUCO DO NOSSO CAMPO PROBLEMÁTICO

Esta pesquisa de mestrado em educação, ainda em processo gestacional, dedica-se aos movimentos curriculares do *entre-lugar* (BHABHA, 2013) ensino fundamental-educação infantil. Por concebermos essas etapas como diversas, mas, não opostas, sustentamos que os termos não podem ser pensados de forma dicotômica e optamos, assim, por escrevê-los com hífen e, ainda, alternando-os ao longo desta escrita, para que eles não sejam considerados hierarquicamente. Se falamos de composição, o encontro dessas etapas também tem que acontecer pela escrita.

O encontro da educação infantil (EI) com os anos iniciais do ensino fundamental (EF) é por nós problematizado a partir de concepções molares e também moleculares, ao mesmo tempo, pois uma não anula a outra. A primeira diz respeito à forma de fazer ciência herdada da idade moderna, que se impõe hegemonicamente e conquista espaço privilegiado nos discursos oficiais, tentando tornar esse movimento de composição manipulável e passível de regulação. A segunda, a

despeito da primeira, deseja fugir das amarras modernas, propondo olhar o processo em questão a partir de *novas lentes para um mundo novo* (NAJMANOVICH, 2001, p.84).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são alguns dos atuais e principais documentos norteadores para as etapas de ensino em questão. Quando falamos da ida da criança da pré-escola para o primeiro ano, constatamos que ambas têm propostas que demarcam a divisão entre as etapas de ensino e oferecem modos de reger os currículos, sem tensionamentos.

As DCNs dizem que " § 2º A transição entre as etapas da Educação Básica e suas fases requer formas de **articulação das dimensões orgânica e sequencial** que assegurem aos educandos, **sem tensões e rupturas, a continuidade** de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento" (BRASIL, 2013, p. 63, grifos nossos). A BNCC, por sua vez, preconiza que:

[...] para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, **é indispensável um equilíbrio** entre as mudanças introduzidas, a **continuidade** das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, **evitando a fragmentação e a descontinuidad**e do trabalho pedagógico (BRASIL, 2017, p. 51, grifos nossos).

Diferentemente do que apostam os currículos oficiais, podemos nos questionar e questionar também tais normatizações, parafraseando Bhabha (2013, p. 107): *Onde se traça a linha divisória entre a EI e o EF? Entre os conhecimentos? Entre as disciplinas? Entre as relações? Entre as crianças?*

Por concebermos o currículo para além de lista de objetivos, vemos o processo do encontro do EF com a EI como uma rede, sem início ou fim, um processo que brota pelo meio simbolizado pelo rizoma que abarca a complexidade desse movimento curricular, crescendo entre as pedras monolíticas da padronagem arborescente.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma *e* outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49).

Ao exercitarmos o pensamento por meio da imagem do riacho deleuzo-guattariana, desenhamos a nossa forma de (re)significar a EI e o EF. Em uma margem temos a pré-escola, do outro lado, temos o primeiro ano. Entre elas está a travessia que deve ser enfrentada pelos alunos, professores, pais e pesquisadores, sem botes salva-vidas.

Atravessar de uma margem para a outra é uma aventura na imanência das águas transitórias, rompendo com a tendência ao equilíbrio. Travessia necessária que se dá como "[...] potência para constituir um modo de existir neste mundo de águas quentes-frias-claras-escuras que flua no fluxo das águas de diferentes tons, diferentes temperaturas. Multiplicidades. Medos e monstros" (CLARETO, 2011, p. 20).

Vamos mais adiante ao forçar o pensamento para além da ida de uma etapa para a outra. Antes e durante e depois dessa "migração", as crianças se encontram no mesmo tempo-espaço, se conhecem, estabelecem vínculos, dividem objetos, etc, como é o caso da escola que é o nosso território de pesquisa. Por isso, falamos da composição, do encontro dos corpos do infantil e do fundamental que se misturam e se confundem, (des)encontros e sutilezas de um *devir-criança* (DELEUZE; GUATTARI, 2012), que sabe deslizar *entre*.

2 NÓS NO MEIO DOS AUTORES

Um *mergulho* (ALVES, 2001) nos *múltiplos contextos* (ALVES, 2010) do *cotidiano* (CERTEAU, 2014), experienciado nos mais profundos e rasos *espaçostempos* (ALVES, 2001) escolares, nos faz admitir que a *pesquisa com os cotidianos* (FERRAÇO, 2003) está atravessada por diferentes movimentos que estão sempre "[...] abrindo brechas que desafiam o instituído" (FERRAÇO, 2005, p. 9), o que, a nosso ver, proporciona a dimensão de complexidade para a educação em que investimos, ou seja, complexo por ser tecido junto ao *cotidiano vivido* (FERRAÇO, 2005).

Em meio às políticas macro de currículo, estão as *microações cotidianas* (CERTEAU, 2014) que nos ajudam a sustentar a *ideia de complexidade da educação* (FERRAÇO, 2006) nas problematizações enredadas na pesquisa que trata dos *praticantes* (CERTEAU, 2014), nas quais se encontra a verdadeira *potência do currículo realizado* (FERRAÇO, 2011).

Uma metodologia inacabada, aberta, que vai se entrecruzando durante todo o processo, sem desejar previsões. Essa é a proposta metodológica que assumimos ao pesquisar com os cotidianos. Assim, nossa metodologia efêmera vai se constituindo em meio, no meio, com o meio. Um risco assumido com coragem para defendermos nosso modo anti-hegemônico de pesquisar aquilo que não cabe nos protótipos da tendência cientificista moderna:

A pluralidade que aqui se faz presente é a da vida cotidiana, que não cabe em único referencial, em uma única teoria, em uma única verdade; nem em uma prática metodológica ou cotidiana. [...] Aceitamos o risco que ela nos traz, de jamais permitir conclusões e fechamentos, de jamais permitir afirmar uma certeza metodológica ou epistemológica, porque acreditamos no plural, no múltiplo, no dinâmico, no permanente móvel e não aprisionável, seja a vida cotidiana de todo praticante, seja na produção acadêmica (FERRAÇO; PEREZ; OLIVEIRA; 2008, p. 16).

Mostrando alguns indícios a que se dedica esta pesquisa de Mestrado, com as múltiplas contribuições dos autores-pesquisadores-professores que formam este mapa, podemos arriscar em dizer que o pesquisador é aquele que anda, a todo momento, em uma linha tênue e bamba, equilibrando-se para não cair na emboscada das representações. Mas, como todo equilibrista que se arrisca, uma hora pode cair e isso faz parte da arte. Ser esse pesquisador-cartógrafo é uma possibilidade de produzir conhecimentos, de forçar o pensamento e de, ao ser enredado pelo que se pesquisa, compor com os sujeitos do cotidiano e, sem se dar conta, se tornar um deles. Nesse ponto, não sabemos se somos nós que pesquisamos ou se somos nós os pesquisados. Enfim, desvendar esse mistério não nos interessa, queremos apenas continuar seduzidos por esses nós... nós do encontro educação infantil-ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Redes educativas "dentrofora" das escolas: exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: currículo, ensino de educação física, ensino da geografia, ensino da história, escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do Cotidiano das Escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLARETO, Sônia Maria. Na travessia: construção de um campo problemático. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.). **Entre Composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011. p. 17-32.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.1 v.

_____. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012 (Coleção Trans). 2 v.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

_____. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-41.

_____. Os sujeitos das escolas e a complexidade de seus *fazeressaberes*: fragmentos das redes tecidas em pesquisas com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes.** Rio de Janeiro: DP&A: 2006. p. 151- 179.

_____. Apresentação: currículo e imagem e narrativa e rede e experiência e diferença e/ou sobre conversas, encontros e devires. In: _____. (Org.). **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**.** Rio de Janeiro: Rovelle, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Diferentes abordagens, temas e modos de ser da pesquisa nos/dos/com os cotidianos. In: _____. (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa:** novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP *et Alli*, 2008.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.